MOROZOV – CAPITALISMO TECNOLÓGICO E CIDADANIA E POR QUE ESTAMOS AUTORIZADOS A ODIAR O VALE DO SILÍCIO

Itagiba de Albuquerque Neto

Morozov inicia o texto trazendo um discurso feito por Barry Schwartz em 1973 sobre a televisão, fazendo críticas à TV a cabo quanto busca por lucro como pesquisa patrocinada pelo governo. Schwartz comparava, nessa época, a TV a um catálogo de compras e lamentava a ingenuidade da época dos envolvidos e entusiastas da tecnologia. E vai além: ele compara a TV e os vídeos a um aquário, de modo que prestamos muita atenção nos peixes, mas a parte crucial é o pH da água que é controlado pelas bactérias e que quando essas bactérias morrem, os peixes ainda continuam a nadar por um tempo como se nada tivesse ocorrido; segundo ele, prestamos muita atenção no que nós fazemos e pouca no que “eles” fazem, e que nós, assim como os peixes desse aquário, desfrutamos de uma existência cujo fim já se está anunciado. Para Morozov, nós estamos diante do nosso aquário digital repleto de peixes mortos que continuam a nadar. A partir daí desenvolve um resgate histórico do monopólio da tecnologia informática em seus aspectos geopolíticos, deixando exposto que o mundo assiste os EUA ameaçarem engolir diversos setores econômicos e que a contracultura informática europeia, outrora tão forte, foi erradicada. Nisso, parece que se entrou em uma era de responder ao hipercapitalismo com mais capitalismo, mais “humanizado” e descentralizado, culminando em uma retórica de emancipação por meio do consumo, encabeçada pelo Vale do Silício. Com isso, levanta-se um questionamento sobre a internet e sua função que cai numa resolução a partir de um “pensar fora da internet”, isto, é, sem cair nesse discurso pronto da tecnologia, por si mesma, resolvendo problemas que são estruturais. A resposta para a nossa relação com internet (e com a relação com a tecnologia no geral), estaria, então, em uma emancipação e reconquista da soberania popular sobre a tecnologia, sem deixar tudo entregue nas mãos de mega-empresas bilionárias que apenas têm interesse em lucro. O debate sobre o digital não pode cair no vazio de um debate digital, que se sustenta em uma essência das coisas, em vez de político e econômico, pois as empresas do Vale do Silício estão construindo uma “cerca invisível de arame farpado” ao nosso redor. Entra em jogo nossos dados, nossa privacidade nas mãos de empresas que têm uma visão de mundo altamente relacionada ao seu modelo de negócio. A tecnologia *per se* não resolve problemas. Onde estaria o *app* que combate a fome? Segundo Morozov, essa próprias empresas não teriam noção exatamente do lugar para onde estão nos levando e a “cerca de arame farpado”, citada anteriormente, é invisível até para seus construtores. Tomando Deleuze, as máquinas não explicam nada; é preciso analisar os agenciamentos coletivos dos quais elas fazem parte.